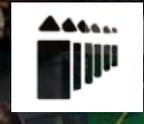


a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



CONCURSO FOTOGRÁFICO PE. LAURO PALÚ

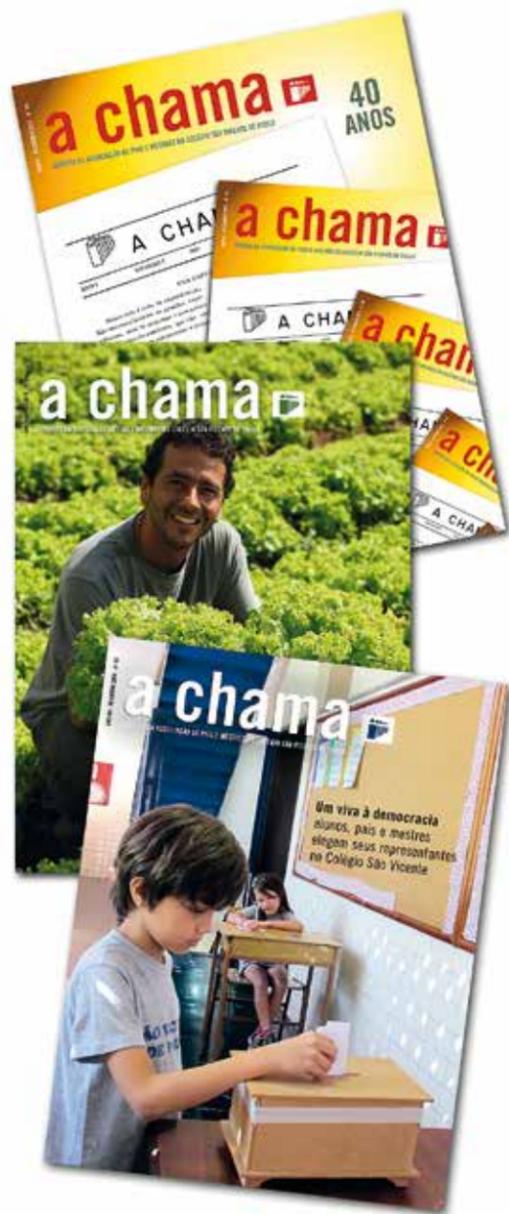
Fale conosco!

Agora os leitores têm um canal direto para falar com **A Chama**.

Escreva para revistachama@csvp.g12.br e mande seus comentários sobre as matérias publicadas ou sugestões de pauta para os próximos números.

Aguardamos a sua mensagem!

CORREÇÃO: Diferentemente do que foi publicado na edição anterior, não são todos os grupos de teatro do colégio que recebem apoio da Associação de Pais e Mestres. A APM apoia somente o Grupo de Teatro Zadregos, da prof. Ana Brasil.



CAPA: 140 FOTOS QUE PARTICIPARAM DO CONCURSO

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLI Nº 88
Novembro/ 2014

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Vanda Vasconcellos e Pe. Lauro Palú

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Ilustrações: Maria Paganelli

Fotos: arquivo CSVP, School Picture, Simone Fuss, Christina Barcellos, arquivo Pedro Strozemberg

Secretário da APM: Edevino Panizzi

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice Presidentes: Fernando José Rodrigues e Lucia Carvalho Coelho

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretários: Miguel Christino e Rosane Barbin Christino

Tesoureiros: Alvaro Kilkerry Neto e Verônica de Gusmão Mannarino

Conselho Fiscal: Simone Fuss Maia da Silva, Angelo Maia da Silva, Neuza Miklos, Álvaro Barbosa de Carvalho, Fernando Freire Bloise e Francisca Eliane Saraiva Freire

Representantes dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos e André Mucci

sumário

- 2 APM**
O Concurso de Fotos
Pe. Lauro Palú
- 6 PERFIL**
Cacau, a professora
jardineira
- 9 COMO SE FAZ**
Pré-Vestibular
comunitário

CSVP na OBM
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 EX-ALUNOS**
Pedro Strozemberg
- 16 AÇÃO PEDAGÓGICA**
Como o colégio mantém
a excelência no ensino

Mais uma etapa na
atualização do PPP
- 20 HOMENAGEM**
Alexandre e Bruno
- 21 NOTAS**

editorial

Ao fazer um apanhado do que foram estes 2 últimos anos para mim, não há como não me lembrar do Padre Lauro me interpellando no pátio do colégio e me convidando para ir a uma reunião em dezembro de 2012. Fui, e aqui estou escrevendo o editorial da Chama pela quinta vez. O último nesta função de editor.

Sei que estou sendo repetitivo, pois no número passado já abordei este tema, mas acho que os meus leitores não se incomodarão muito. Fazer uma revista. A Chama não é uma revista qualquer, é o meio de comunicação entre o Colégio e a Casa, entre a Associação e os Pais. Tentamos dar mais leveza à revista, literalmente, pois sofreu uma redução do número de páginas, e passamos a usar um papel mais leve. Porém, não somente na parte física, tentamos deixá-la mais leve, priorizando as imagens.

Tentamos reproduzir e traduzir o CSVP através de seus retratos, sua imagem, sua alegria. Alegria dos seus habitantes diários, seus alunos, nossos filhos, que aprendem no São Vicente que a vida, apesar de séria, pode que ser vivida com alegria.

Uma novidade é que A Chama está disponível também na internet, através do site do Colégio (www.csvp.g12.br). Desde o primeiro número (setembro de 1973), até o último, todas as edições foram digitalizadas e disponibilizadas através da página da APM no site do Colégio.

Esta edição, a última de 2014, traz o Concurso de Fotografia Pe. Lauro Palú, uma homenagem ao fotógrafo sensível e ex-diretor do CSVP. Apesar da pouca adesão (menos de 4% do total de alunos se inscreveram), um festival de imagens muito bacanas. Imagens de crianças felizes, brincando de roda, na aula de música, ou a mão real segurando a pintura do ramo de flores na parede do Colégio. Ao olhar o Colégio com outros olhos, o aluno reforça o pertencimento ao espaço, que é seu, espaço de convívio, de amizade, de responsabilidade.

Boa Leitura!

Carlos Diniz.

São Vicente em imagens

O Concurso Fotográfico Pe. Lauro Palú reuniu 147 fotos concorrentes e premiou 10 delas



Júri Popular
Alice Fatorelli
9º EF



Simone Fuss e Tulio Vasconcelos, da diretoria da Associação de Pais e Mestres, entregam o prêmio à vencedora do concurso na categoria Júri Popular, Alice Fatorelli

Foi um sucesso o Concurso Fotográfico Pe. Lauro Palú! A ideia da diretoria da Associação de Pais e Mestres, de resgatar essa antiga tradição do colégio, foi bem acolhida pelos alunos e ao todo 137 fotos foram inscritas nas categorias Vida no Colégio São Vicente; Natureza e Arquitetura; e Educação, Ciência e Tecnologia. Difícil foi escolher as melhores. Para isso, a APM contou com a valiosa ajuda dos professores de arte. Dez fotos foram premiadas no total. Cada aluno vencedor recebeu uma placa de metal para guardar de recordação do evento, além dos vales-presentes da Saraiva no valor de R\$ 600,00, R\$ 400,00 e R\$ 300,00, respectivamente, para os primeiro, segundo e terceiro lugares de cada categoria nas diferentes faixas etárias. Além disso, a foto vencedora do júri popular, eleita com o maior número de curtidas no Facebook (373), deu a sua autora, Alice Fatorelli, do 9º Ano, uma Câmera Digital Nikon Coolpix L820. Os prêmios foram entregues no sábado, 25 de outubro, durante a Feira de Linguagens, onde as fotos também foram expostas. Parabéns a todos os participantes! Ano que vem tem mais!

ENSINO FUNDAMENTAL I



1º lugar
Larissa Roedel
5º EF



2º lugar
Letícia Monteiro
5º EF



3º lugar
Marina Lilian de Almeida
2º EF



ENSINO FUNDAMENTAL II



1º lugar
Alice London
8º EF



ENSINO MÉDIO E EJA



1º lugar
Arthur Araújo
1º EM



2º lugar
Miguel Miranda
9º EF



3º lugar
Yago Pinheiro
7º EF



2º lugar
Marcela Almeida
1º EM



3º lugar
Carolina Costa
2º EM

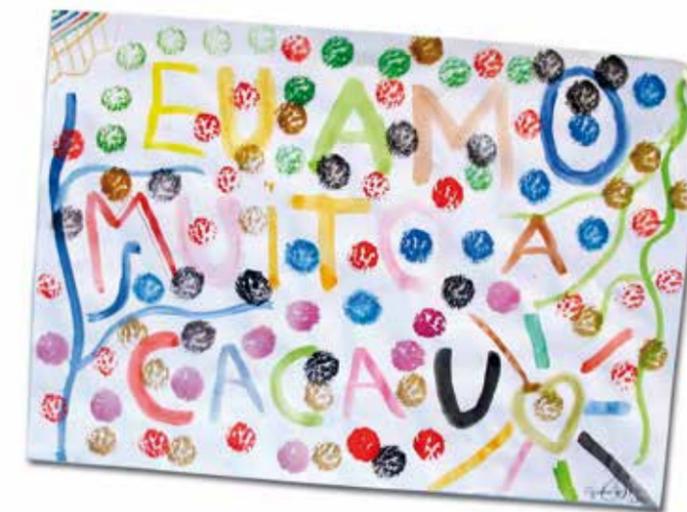


Cacau, a professora jardineira

Há mais de 20 anos ensinando Artes no São Vicente, Cláudia de Carvalho Marçal considera que seu papel é criar oportunidades para que as pessoas floresçam

“O crítico Mário Pedrosa dizia que ‘Arte é o exercício experimental de liberdade’. A mim encanta a possibilidade do risco, de a pessoa poder lançar-se a novas perspectivas e formas de perceber o mundo, se dar a chance de experimentar, de criar algo, materializar emoções, pensamentos, sensações... Alcançar estados sensíveis de percepção da realidade, transformar a matéria, desenvolver reflexões ou simplesmente entrar em estado de beleza. Quem passa por essa experiência da Arte tem maiores possibilidades de ousar imaginar novas realidades. Ela funciona como um ponto de guerrilha poética, tanto na escola quanto no mundo objetivo, pragmático, fechado em padrões que condicionam e aprisionam a “alma” do sujeito. Através da Arte ganhamos asas, ousamos transitar em outros mundos e conseqüentemente imaginar outra realidade possível para se viver. Acho que é por isso que adoro dar aulas de Arte; sinto um imenso prazer ao proporcionar esses instantes especiais para as pessoas”.

Esta fala vibrante e apaixonada é de Cláudia de Carvalho Marçal, a Cacau, professora de Artes. Aos 51 anos de idade e há mais de 20 no São Vicente, Cacau hoje dá aulas no Fundamental 2, no Ensino Médio e na EJA, a Educação de Jovens e Adultos. Começou sua formação fazendo Desenho Industrial na UFRJ, mas, na metade do curso, participou de um seminário de Educação Artística e se apaixonou. Viu que seu negócio era mesmo dar aula e migrou para Licenciatura em Artes, no Bennet, que então oferecia o curso mais conceituado na área. Fez também Escolinha de Arte do Brasil e trabalhou no ateliê da artista plástica e educadora Maria Teresa Vieira. “Nesse caminho, eu fui fazendo as minhas misturas e chegando à minha síntese”, conta Cacau.



Ainda cursando a faculdade, começou a trabalhar no São Vicente, a convite de duas amigas que já eram professoras no colégio (Sueli de Lima e Gisele Costa). “A vaga que havia aqui era para professora de 4ª. série. E, para azar meu, aquela era uma 4ª. série “empestada”, muito bagunçada. E eu, muito tímida e sem experiência. Chorava todo dia, chegava em casa e tinha que tomar chá de camomila pra me acalmar, foi uma prova de fogo. Mas eu persisti e fui me aprimorando”. Desse grupo ela passou para as turmas de 1ª e 2ª séries, nas quais diz que se sentiu mais confortável. “Aí foi uma delícia e eu amei essa experiência. Tanto que anos depois, essas turmas, quando se formaram no Ensino Médio, me homenagearam como a melhor professora dessa fase da vida deles. Acho que foi muito bom pra eles e pra mim também”, relembra.

Currículo inovador

Cercada de desenhos, pinturas, esculturas e objetos os mais diversos feitos pelos alunos na sala de Artes – localizada no terceiro andar do prédio ao lado das quadras de esportes –, Cacau se empolga contando de seu trabalho na escola. Diz que teve a felicidade de fazer parte da equipe que montou o currículo inovador da disciplina de Artes, que engloba tanto a formação sensível do ser humano quanto o acesso ao conhecimento da Arte ao longo da história. É uma disciplina obrigatória no currículo escolar, com metas, resultados, notas e presença, como as demais.

“Essa equipe foi construindo no colégio um espaço para as Artes, que foi se ampliando com o tempo. A princípio as aulas iam somente até o 7º ano do Fundamental. Aos poucos se incorporaram o 8º ano, depois o 9º e o 1º ano do Ensino Médio e a EJA. E existe uma reivindicação do Grêmio de que a disciplina seja oferecida também nos 2º e 3º anos do Médio”, diz.

Não se trata de uma reivindicação isolada. Em recente encontro sobre Educação no Rio, um dos maiores pensadores da atualidade, o francês Edgar Morin, disse que a crise no ensino surge da ausência de matérias que são importantes no viver e que, por isto, as Artes nunca devem ser consideradas matérias secundárias. Cacau concorda e afirma: “A Arte relaciona-se o tempo todo com a vida, busca dar sentido a ela, o que favorece o diálogo com as outras áreas de conhecimento, facilitando atribuições de significado e favorecendo um aprendizado mais significativo e prazeroso”.

Segundo a professora, o Colégio São Vicente está vivendo um momento rico, no qual o desafio é trabalhar em equipe para favorecer um aprendizado



Beleza da EJA, trabalho realizado em parceria dos professores Valéria, de Filosofia, e Marcelus, de Geografia, e apresentado na Feira de Linguagens



Cacau na sala de artes com a turma 702

em que o conhecimento se dê de forma significativa para o estudante, em que ele seja protagonista, em que consiga perceber as relações entre as partes e o todo, em que os vários pontos de vista, das diversas disciplinas, possam se conectar numa relação complementar. “É o desafio de romper com a estrutura fragmentada da escola e perceber o conhecimento de forma integrada. E esta é também uma questão que se coloca para nós, habitantes deste planeta Terra, que nos percebemos interdependentes, pois somos afetados uns pelas ações dos outros”, afirma Cacau.

É por isto também que ela considera importantíssimo o trabalho social voluntário que realiza nas férias junto com os colegas do São Vicente. Durante cinco anos, Cacau viajou com o grupo do colégio para Carinhanha, na beira do Rio São Francisco, na Bahia, e atualmente desenvolve um trabalho comunitário no Vale do Jequitinhonha, em Minas. São várias frentes de atividades, e ela trabalha na parte de cultura, com os jovens. “É um aprendizado incrível. A gente acha que vai pra lá levar um conhecimento e acaba trazendo mais do que levou, é uma experiência que nos faz redimensionar tudo o que a gente pensa e sabe, e nos faz ver a vida de outra forma”, diz ela.

Casada com Duda, um analista de sistemas, e mãe de Tiago, que entrou este ano na faculdade, e de Mariana, aluna do 1º ano do Ensino Médio do São Vicente, Cacau é pura sensibilidade. Perguntada sobre o que mais a toca em seu ofício, ela se emociona ao responder: “É o espaço da sala de aula, o processo de criação do aluno, aquele momento em que se acende uma luz e aquilo cria um sentido para ele. É o momento em que a linguagem da subjetividade se manifesta. Nesse momento há um entendimento da vida, não racional, mas uma emoção que o conecta com o mundo, que é indizível. É quase uma magia. É por este momento que eu trabalho”, afirma, com a voz embargada.

“A Arte relaciona-se o tempo todo com a vida, busca dar sentido a ela, o que favorece o diálogo com as outras áreas de conhecimento, facilitando atribuições de significado e favorecendo um aprendizado mais significativo e prazeroso”

Cacau

Cacau faz questão de lembrar que para esse momento acontecer é preciso muita ‘ralação’ e que, ainda assim, não há nenhuma garantia de que ele vá de fato acontecer. “Quando eu comecei a dar aula, achava que os alunos eram uma espécie de massinha que a gente ia modelando até chegar ao resultado esperado. Aí, fiquei muito frustrada porque não conseguia transformar as pessoas do jeito que eu imaginava. O meu grande aprendizado foi esse, entender que cada vez menos a educação está na mão de um professor que modela. Nosso trabalho é criar oportunidades para que as pessoas floresçam. A imagem que eu tenho hoje de mim é mais de uma jardineira que planta sementes, rega e cuida delas. E torce para que elas brotem. Quando isso acontece, é uma felicidade. É lindo”.

São Vicente também tem pré-vestibular comunitário

Além da EJA, curso gratuito prepara alunos de baixa renda para as provas de ingresso na universidade. Professores são voluntários

Este ano, entre os mais de oito milhões de inscritos que prestaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em busca de uma vaga na universidade, estava Anamaria das Graças Lopes. Aos 63 anos de idade, Anamaria quer cursar gastronomia e, quem sabe, mais tarde ter seu próprio negócio. Para concretizar seu sonho, desde o início do ano ela está matriculada no Pré-Vestibular Comunitário do São Vicente, que frequenta diariamente das 19h às 22h.

Não sem um esforço grande. “Tem que ter muita coragem e força de vontade. Tem dia em que a gente está supercansada, trabalhou o dia inteiro; a vontade é de ir pra cama. Mas eu venho assim mesmo. E tiro o meu chapéu pros professores todos, que vêm aqui na maior boa vontade, sem ganhar nada, batalhar pela gente. Se eles fazem esse sacrifício, não sou eu que vou faltar”, diz ela.

É preciso mesmo muita disciplina e persistência. O pré-vestibular é um curso de reforço, gratuito, sem aprovação ou reprovação, sem lista de presença nem prova, com apenas os simulados do Enem para que os alunos possam acompanhar seu rendimento nos estudos. O público é bem heterogêneo: há jovens que estudam de dia em escolas públicas e à noite vêm fazer um reforço para enfrentar as provas; há alunos mais velhos, que não tiveram oportunidade de estudar ou precisaram parar e voltam em busca de novas chances. Dos 40 a 50 inscritos a cada ano, apenas 15, aproximadamente, chegam ao final frequentando regularmente as aulas.

“O desafio é grande. Para eles e para nós também”, diz Luis Gauí, professor de história do São Vicente e coordenador



A aluna Anamaria das Graças Lopes, que quer cursar Gastronomia

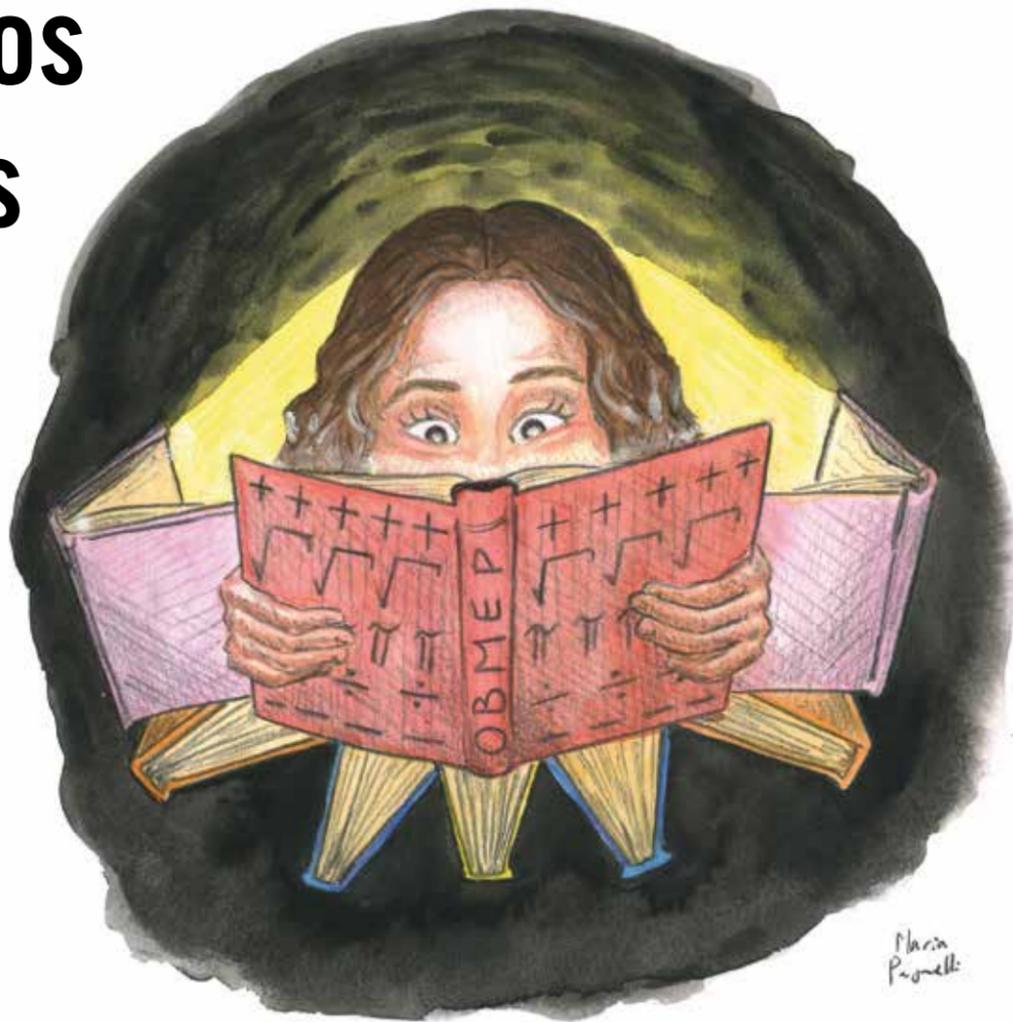
do pré-vestibular comunitário há cinco anos, desde que o curso foi criado no colégio. Além das aulas, os alunos podem usar a biblioteca, o laboratório de informática, e são convidados para todos os eventos do colégio, como palestras, festas, visitas a instituições e passeios a outras cidades.

Não existe um indicador oficial de quantos conseguem ingressar na universidade com o pré-vestibular comunitário, mas a estimativa de Gauí, a partir de contatos informais com os ex-alunos, é de que, a cada ano, entre seis e sete egressos do curso conseguem uma vaga na faculdade. Muitos dos que não são bem-sucedidos da primeira vez voltam para as aulas e tentam novamente no ano seguinte.

Assim como os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), também os do pré-vestibular são pessoas de baixa renda, que moram ou trabalham na região do Cosme Velho e adjacências e que entram como bolsistas, a partir de uma entrevista com a assistente social do colégio.

Foi o caso de Anamaria. Quando criança, não pôde estudar e precisou começar a trabalhar cedo. Em 2006, com 55 anos, solteira, sem filhos, ela resolveu correr atrás de seu sonho. Trabalhando numa casa de família no bairro, soube, pela patroa, da possibilidade de estudar à noite no São Vicente e se matriculou no primeiro ano da EJA. Não parou mais. Concluiu o Fundamental, concluiu o Ensino Médio e agora está no pré-vestibular. “Se eu vou conseguir entrar na faculdade, não sei. É cada dia um passo. Eu vou em frente”.

Pequenos Euclides



Estimulados pelo primeiro “Nobel” da área recebido por um brasileiro, Vicentinos participam de mais uma Olimpíada Brasileira de Matemática - OBM e, pela primeira vez, um deles é classificado para a final

As Olimpíadas de Matemática existem há muitos anos ao redor do mundo. A primeira, nos moldes atuais, aconteceu em 1884, na Hungria, mas foi apenas em 1979 que a Sociedade Brasileira de Matemática promoveu a primeira versão nacional da competição. De lá para cá o evento cresceu, e este ano quase 600 mil estudantes de todo o país participaram da primeira fase da Olimpíada. O São Vicente não ficou de fora dessa, contando com a participação de 92 alunos.

Trata-se de uma competição muito respeitada. Afinal, foi lá que o carioca Artur Ávila Cordeiro de Melo, que em agosto recebeu o mais importante prêmio internacional de matemática, começou sua trajetória de sucesso. Artur ganhou sua primeira medalha em olimpíada aos 13 anos. Aos 16, recebeu a medalha de ouro na Olimpíada Internacional de Matemática, no Canadá. Hoje, aos 35 anos, dedica-se à pesquisa e foi o primeiro latino-americano a receber a Medalha Fields, considerada o “Nobel da Matemática”. “As olimpíadas são uma maneira eficiente de detectar talentos e motivar as crianças a fazer matemática. A problemática que é fornecida nos exames é, eu diria, muito mais interessante do que a apresentada nas escolas”, defendeu.

O professor de matemática Heitor Achilles, que coordena o grupo de participantes do Colégio São Vicente na Olimpíada Brasileira de Matemática

(OMB), concorda com Artur Ávila. “A importância da existência da OBM está justamente no fato de, além de revelar talentos, possibilitar maior discussão sobre a resolução de problemas de matemática. Isso é um ganho bastante significativo para o ensino de matemática, pois, ao discutir formas e/ou processos de resolução, os alunos acabam fazendo novas descobertas, que extrapolam, muitas vezes, o ambiente de discussão da sala de aula”, destaca o professor, que gerencia inclusive um blog com orientações de estudo para os participantes do colégio.

Heitor conta ainda que muitos alunos se sentem desafiados a resolver problemas específicos, mesmo depois das provas, e a estudar mais profundamente determinadas áreas da matemática, atitude primordial para a pesquisa científica que nasce espontaneamente em muitos dos participantes. Esta atitude, independentemente dos resultados da competição em si, acaba por influenciar escolhas profissionais e até mesmo a identidade dos estudantes.

Dos 92 alunos do colégio que participaram da primeira fase da OBM este ano, 55 passaram para a segunda, cujas provas foram realizadas em setembro. A terceira e última fase da competição ocorreu no final de outubro. Os vencedores de todo o Brasil serão selecionados para representar o país na Olimpíada Internacional de Matemática de 2015, que será realizada em julho, na Tailândia.

A competição internacional existe desde 1959 e é a mais antiga das olimpíadas internacionais de ciências. O Brasil participou da IMO (na sigla em inglês) pela primeira vez em 1979, e desde então vem obtendo resultados cada vez mais expressivos. Até 2012, o país havia conquistado 9 medalhas de ouro, 27 de prata, 65 de bronze e 26 menções honrosas.

“Nosso país já apresenta um potencial crescente de destaque internacional na área de matemática. Temos inclusive alguns centros ou institutos de pesquisas tidos como referência em determinadas áreas da matemática como, por exemplo, o IMPA (Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada). Ainda assim, sem dúvida alguma, a matemática deveria receber mais incentivo no Brasil. Esse incentivo é primordial para o desenvolvimento de teorias que sejam capazes de estabelecer correspondência com outras áreas do conhecimento para facilitar a resolução de diversos problemas”, disse Heitor.

Para os alunos Thomaz Miranda e Lucas Sampaio, da turma 602, que estão participando este ano pela primeira vez, a OBM é uma oportunidade para se aprenderem diversos conteúdos que só depois de alguns anos seriam estudados na escola, e isso de uma forma divertida. Já a aluna Bárbara Perez, da turma 1A, este ano está tomando parte da Olimpíada pela terceira vez e diz achar muito boa a iniciativa do São Vicente de participar, já que normalmente o colégio enfoca mais as ciências humanas. Desde que começou a concorrer na OBM, Bárbara tem aprofundado seus estudos de matemática e chegou a ganhar de presente de uma amiga, professora da área, um livro com todas as provas de anos anteriores da OBMEP, a olimpíada das escolas públicas, além de um livro húngaro de matemática avançada, traduzido para o inglês.

“Os problemas da OBM nos fazem pensar de formas a que não estamos acostumados, são muito diferentes dos da sala de aula. Eles normalmente envolvem mais a lógica e menos a simples aplicação de fórmulas. Ficamos instigados com eles a desenvolver nosso próprio raciocínio para resolver as questões”, diz Bárbara



André Coletti é o primeiro aluno do São Vicente classificado para a final da OBM, que aconteceu em seguida à 3ª fase e cujo resultado será divulgado em dezembro. É a primeira vez que André participa da Olimpíada. Ele sempre teve facilidades para exatas mas foi só neste ano de muito estudo para o vestibular que começou a gostar pra valer de matemática. André pretende fazer Engenharia Mecânica na UFRJ. O CSVP está torcendo!

ONTEM E HOJE



Lá se vão 55 anos. Todas as fotos antigas destas páginas são de 1959, ano da inauguração do São Vicente. Aqui vemos o pátio vazio usado para recreação dos meninos de então Curso Primário, no caso a brincadeira de cabra cega. Hoje, crianças do Ensino Fundamental se reúnem em grupos no recreio para lanchar e brincar. As mesas de ping-pong sempre estiveram presentes.



A fila de entrada nos primeiros dias do colégio: o diretor Pe. Horta, a professora, a mãe que se despede, os alunos de uniforme e outros ainda sem (eram feitos sob medida), a pasta de couro onde hoje vemos mochilas, sapato preto e meia branca... O lugar agora é ocupado pela telefonista e pela secretária. No pátio, hoje, meninos e meninas aguardam a hora de subir para as salas. O inspetor Ney organiza a fila.



O auditório sempre foi lugar de importantes eventos do colégio - formaturas, saraus, peças de teatro, debates, missas, encontros... No início, as cadeiras eram de madeira. Com o tempo, o espaço ganhou estofamento das poltronas, ar condicionado, iluminação para espetáculos, e coxia, aquela área escondida na lateral do palco, onde os atores aguardam para entrar em cena.

Apostando em espaços de diálogo

Ativista dos Direitos Humanos, o ex-aluno Pedro Strozenberg tem como ocupação principal explicitar conflitos e gerar ambientes possíveis de entendimento

Ele trabalha com um tema que a maioria dos mortais faz tudo para evitar: o conflito. Pedro Strozenberg é diretor executivo do Instituto de Estudos da Religião (Iser), uma organização da sociedade civil que promove pesquisa e ativismo no campo de Direitos Humanos. Seu tema de interesse é justamente o conflito e, de distintas maneiras, sua principal ocupação.

“Tensões da vida pública ou privada que expressam sentimentos de mudanças não raro são minimizados e bloqueados; meu trabalho, em alguma medida, é explicitar os conflitos e gerar ambientes possíveis de entendimento. Esta é uma parte das minhas atividades, como mediador ou gestor de conflitos, mas outra que prezo muito, aparentemente contraditória, é produzir conflitos, reconhecer os campos em disputa e assumir posição no marco dos Direitos Humanos. O ponto de inflexão entre mediar e produzir o conflito é uma aposta incondicional no diálogo”, afirma Pedro.

Hoje com 42 anos de idade, ele estudou no São Vicente de 1984 a 1990. “Depois frequentei o colégio com a Associação de Ex-Alunos até a morte do Padre Almeida, que encerrou o ciclo de minha passagem, mas não de minhas boas lembranças e de bons amigos. Aprendi muitas coisas no colégio, mas talvez o mais significativo seja o valor da participação e a crença na transformação”, diz.

Do São Vicente, o ex-aluno foi para a Universidade do Rio de Janeiro (UniRio), onde cursou Direito. Depois fez pós-graduação em

Burgos, na Espanha, na área de direito público, mais especificamente sobre mediação comunitária, um dos braços da mediação de conflitos.

De volta ao Rio, Pedro Strozenberg tomou parte numa pesquisa sobre policiamento comunitário em Copacabana, realizada pelo Iser. Nesse momento, o Viva Rio acabava de ser fundado e ele acompanhou seus primeiros passos muito de perto. “Tudo me encantava naquele movimento, onde tudo parecia possível e necessário de ser abordado. Foi um movimento plural, confuso e difuso, que se propunha aproximar fragmentos de cidade fracionada, desigual e atemorizada. Eu tinha na época 21 anos e reconhecia em minha atuação a formação aprendida no CVSP”, lembra.

Prêmio por Enfrentamento a Violência

No Viva Rio, Pedro coordenou o Balcão de Direitos - programa de acesso à justiça e mediação de conflitos em favelas - e programas de desarmamento e capacitação policial. Apostando em espaços de diálogos, Pedro foi membro, entre outros, do Conselho Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Segurança Pública; em nível estadual foi membro do Comitê de Enfrentamento a Tortura e atualmente preside o Conselho Estadual de Direitos Humanos. Teve ainda passagens em cargos públicos no Governo do Estado do Rio de Janeiro, quando assumiu a Subsecretaria de Direitos Humanos do Estado, em 2010, e a Coordenação da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa (2007/2008).

Em 2006, ganhou, na categoria Enfrentamento a Violência, o prêmio Direitos Humanos, concedido anualmente pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos. “O prêmio foi entregue pelo ex-presidente Lula em um momento em que ele simbolizava uma grande renovação política no cenário brasileiro. Assim de alguma maneira retratou para mim também a esperança de ver mudada a situação das violências no Brasil”.

Perguntado sobre que questões acredita serem mais prementes hoje, no Rio e no Brasil, na área de Direitos Humanos, Strozenberg responde: “São muitos desafios neste campo, e facilmente eu poderia apontar quatro ou cinco pontos centrais para a agenda brasileira e fluminense dos Direitos Humanos no qual estou envolvido, mas creio que nossa sociedade atual nos empurra a uma falsa contradição onde aparentemente os Direitos Humanos se opõem ao desenvolvimento, à segurança ou ao convívio social. Mas, ao contrário, quanto mais direitos tivermos, maior será nossa proteção, melhor será nosso convívio e mais sustentável, nosso desenvolvimento. Assim, acho que o maior desafio é perceber os Direitos Humanos não como uma agenda dividida, mas integral, inclusiva e desejada, capaz de ser reconhecida em cada casa, corporação, instituição e pessoa. Poderíamos começar por três RDs: reconhecimento de direitos, redução das desigualdades e radicalização do diálogo”, afirma.

Pedro diz que não é saudosista e que não quer sugerir aos atuais alunos o que ele e os colegas de seu tempo de São Vicente faziam então. E conclui: “acho que os alunos saberão o melhor e o possível nos dias de hoje, mas acho importante, para professores, funcionários, pais e alunos, em busca de dar consequência à condição de ‘agentes de transformação’ de exercitarem de maneira radical o diálogo, que em última análise significa uma combinação harmônica entre uma “fala cuidadosa” e uma “escuta interessada”. Recebemos muitos estímulos de fala ou silêncio, mas pouco ou nenhum de como escutar. Este é um desafio para gerações presentes e futuras”.

“Quanto mais direitos tivermos, maior será nossa proteção, melhor será nosso convívio e mais sustentável, nosso desenvolvimento.”

Pedro Strozenberg



Pedro em três momentos: recebendo o Prêmio de Direitos Humanos das mãos do então presidente Lula, participando do projeto Plano de Diálogo e Engajamento Alumar, e mediando o debate intitulado Controle e conflito

Aperfeiçoamento contínuo

A Coordenação Acadêmica fala dos esforços permanentes do colégio para manter sua excelência de ensino

No início de setembro, pais e alunos foram surpreendidos com a notícia do mau desempenho das escolas particulares do Estado do Rio, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), medido todos os anos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). As notas da rede privada fluminense pioraram em todos os segmentos de ensino em relação à última avaliação, feita em 2011, e no Ensino Médio nosso estado ficou em penúltimo lugar, atrás apenas de Alagoas. De que maneira essas notícias afetam a comunidade do São Vicente?, quis saber A Chama. Para isto, foi conversar com a Coordenação Acadêmica do colégio.

A Coordenadora Nina da Cunha esclareceu, antes de mais nada, que o Colégio São Vicente não participou das provas que geraram o Ideb 2013 das escolas particulares. Isso porque, hoje, não são os colégios que decidem fazer parte ou não da avaliação baseada no índice. Eles são escolhidos pelo instituto, que chegou a selecionar o São Vicente em anos anteriores, quando a nota foi mais alta.

“Sempre que somos convidados a participar do Ideb, nós participamos. Neste último ano, não fomos convidados, então esse índice não reflete a realidade do São Vicente”, explicou Nina. Tão logo os dados do Inep foram divulgados, questionou-se se a má colocação do Rio de Janeiro não teria sido em parte causada por uma queda na qualificação dos professores, que se sentiriam pouco atraídos pela profissão. “Que está mais difícil selecionar professores qualificados como há alguns anos, isso nós já estamos notando há tempo. O São Vicente é muito criterioso na escolha dos seus professores e temos orgulho de todos os profissionais que trabalham aqui, mas antigamente a seleção era mais fácil. Hoje chegam para o exame de qualificação muitos professores que não têm base cultural sólida. Esses nós não temos condições de contratar”, disse ela.

A Coordenadora explicou que, para ingressar no São Vicente, o professor precisa submeter-se a uma criteriosa seleção, que se inicia com um exame de currículo, passa por uma prova com diversas questões que aferem os conhecimentos em sua área específica e

“Sempre que somos convidados a participar do Ideb, nós participamos. Neste último ano, não fomos convidados, então esse índice atual não reflete a realidade do São Vicente”.

*Nina da Cunha,
coordenadora*



Os coordenadores acadêmicos do São Vicente, Nina da Cunha e Arthur Mota

em língua portuguesa, e testam sua afinidade com a linha pedagógica do colégio. Depois disso, ainda há uma dinâmica de grupo e uma entrevista particular, para se ter certeza de que os profissionais que serão contratados são do mais alto nível tanto em termos de conteúdo como de relações humanas.

“De uns anos para cá, temos notado que o nível dos professores que vêm fazer a seleção tem caído e há diversos fatores que contribuem para isso. Os baixos salários oferecidos no mercado têm feito com que pessoas de classes menos favorecidas sejam a maioria dos que acabam querendo ser professores, e geralmente essas pessoas não têm uma cultura tão rica quanto a de classes mais favorecidas. Outro fator é que nós notamos que houve queda na qualidade de ensino das universidades em relação à formação de professores. E, como nem todos os colégios particulares podem se dar ao luxo de ter uma seleção criteriosa como a do São Vicente, infelizmente o que acontece é que a educação fica realmente prejudicada em geral”, completou.

Autoavaliação permanente

Apesar de não participar obrigatoriamente das provas do Ideb para avaliar a qualidade da educação que oferece, o colégio desenvolveu desde há muitos anos um sistema próprio de autoavaliação, que considera as notas de cada matéria em cada ano, o índice de reprovação e mais recentemente as notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), além de critérios mais abstratos, qualitativos, como a formação humanística de caráter integral de seus alunos, sempre levando em consideração seu lema de formar agentes de transformação social.

Nos últimos dois anos, por exemplo, foi registrada uma pequena queda nas notas de redação dos alunos do São Vicente no Enem. Como resposta, o colégio investiu na criação do Programa de Leitura, Interpretação e Produção de Textos (Plipt), no segundo segmento do Ensino Fundamental. Para 2015, um projeto na área de redação também deverá ser implementado no Ensino Médio, permitindo que os alunos produzam mais textos e tenham uma correção mais detalhada que divida a nota

final de cada texto em competências. Desta forma, coesão, coerência, gramática, estruturação do pensamento, adequação à proposta, cada item poderá ser trabalhado com maior profundidade. Com isso, o colégio responde internamente à sua própria autoavaliação.

Para o Coordenador Arthur Mota, as exigências acadêmicas estão cada dia mais rigorosas, e o colégio está atento a isso e procurando sempre manter seu nível de excelência. Mas lembra que existem outras questões importantes na formação de um aluno. Segundo ele, o São Vicente procura, sim, oferecer formação para a vida universitária, mas também para o mundo do trabalho e da cidadania e para a vida de uma forma mais ampla.

“As exigências do Enem e das universidades estão aí, e é claro que o colégio se preocupa com elas e trabalha constantemente para que seus alunos tenham uma formação que lhes permita passar para os cursos que quiserem no vestibular. Mas fazer o colégio funcionar a partir disso é trair a proposta do São Vicente de formar integralmente, de gerar pensamento crítico em relação à nossa sociedade”, esclareceu Artur.



Mais uma etapa na atualização do PPP

Membros da comunidade vicentina reúnem-se novamente para avançar na finalização do texto do Projeto Político-Pedagógico do Colégio

O dia 18 de outubro encerrou mais uma etapa da atualização do Projeto Político-Pedagógico do Colégio. Na última assembleia geral do ano para tratar do assunto, professores, coordenadores, funcionários, alunos e outros membros da comunidade vicentina se encontraram no auditório do São Vicente para ler, discutir e corrigir possíveis erros da redação dos textos prontos até o momento.

A redação de tais textos procurou se fundamentar em documentos oficiais da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) e da Igreja, além de destacar a missão do Colégio e suas linhas de ação. Essas últimas foram divididas em diferentes categorias para facilitar seu processo de avaliação na prática. Depois da reunião no auditório, quatro grupos foram formados para analisar cada uma das diferentes categorias das linhas de ação propostas, o que gerou documentos entregues à comissão de redação e a posterior inserção das correções no texto.

Para o início de dezembro está prevista uma semana de trabalho com todos os professores do colégio, para que estes possam efetivamente propor mudanças para o ano letivo de 2015, já baseados nas novas linhas de ação do Projeto Político-Pedagógico do Colégio, que deverá ter sua redação final apresentada em fevereiro de 2015. Veja a seguir trechos dos textos que foram analisados pelos grupos.

“O Colégio São Vicente de Paulo tem por finalidade primeira cuidar da preservação da dimensão humana nos membros da Comunidade Educativa que ajuda a formar, na Educação em que crê, na Escola que faz acontecer, na Sociedade com que sonha e no Mundo que quer ver renovado. Portanto, é sua Missão Institucional Formar Agentes de Transformação Social.

Por meio da educação escolar, o São Vicente colabora com a formação de:

- *Pessoas inteiras, integradas e íntegras, assumidamente inconclusas. Livres; e que se sabem múltiplas, interdependentes, conseqüentemente, constituídas na virtude vicentina da humildade. Críticas diante das diversas culturas em que estão mergulhadas e atuantes sobre elas. Abertas ao diálogo, ao diferente e às diferenças. Justas, equânimes e fraternas;*
- *Sujeitos construtores da própria história e do conhecimento. Amantes da verdade, que deixam transparecer, em si mesmos e na relação com os outros, as virtudes vicentinas da simplicidade e da mansidão. Transformadores de estruturas, capazes de intervenções políticas criativas ao infinito.*

Em suas relações com o mundo e a natureza, tais sujeitos históricos vivem e propõem a sustentabilidade. Rejeitam a concepção antropocêntrica expressa na atitude de se colocar acima de todas as coisas e das demais criaturas. Abrem-se à transcendência e ao Transcendente, em si mesmos, nos outros e no Outro, engajados no dinamismo do Cosmo.

Dialeticamente, os Agentes de Transformação Social constroem e, ao mesmo tempo, se deixam construir:

- *Como sujeitos autônomos, por uma Educação libertadora, crítica e autocrítica, questionadora de ideologias. Transformadora com base na solidariedade. Contextualizada no mundo e para o mundo. Inclusiva, sem preconceitos ou discriminações. Democrática, capaz de ouvir. Ecológica e multicultural, desde um olhar em que a singularidade e as diferenças são concebidas como oportunidades de crescimento;*
- *Por uma Educação que promove a leitura ampliada da realidade. Interdisciplinar, que dá ênfase ao desenvolvimento de habilidades e competências, ao “aprender a aprender”. Livre de amarras de autoritarismos introjados e dos limites arbitrários. Fundada no respeito e na sensibilidade solidária. Uma educação em que se vivem, na Escola e fora dela, os valores fundamentais do cuidado e da paz, como expressão da virtude vicentina do zelo.*



Agentes de Transformação Social aliados à Educação que faz da Escola um espaço:

- *De construção do conhecimento e de estruturação dos diversos saberes, problematizador das relações desiguais;*
- *De expressão das diferentes culturas, em especial das que brotam das experiências dos e com os empobrecidos;*
- *De estímulo a trabalhos em rede que favorecem a troca de informações e perspectivas novas;*
- *Onde se vivencia como paradigma o princípio da partilha.*

Esta Escola, inserida na Sociedade, com suas tensões e conflitos, favorece e incentiva atuações relacionais e em diálogo, comprometidas e transformadoras, alicerçadas na ética da igualdade. Para tanto, Educadores e Estudantes são estimulados a desenvolver plenamente seus potenciais e competências físicas, intelectuais, psicológicas e espirituais. Ao mesmo tempo convivem com as regras convencionadas no coletivo e as suas conseqüências, como condição necessária à experiência planetária comum. Escola que constrói, cada dia, instrumentos para o engajamento de seus membros nas causas em favor da vida e da liberdade plenas e universais, interpretação que se dá à virtude vicentina da mortificação.

Nesta Escola, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura estão a serviço do aprendizado, da comunicação e da organização dos serviços e das relações. Nas relações comunitárias, a Escola estabelece parcerias com as Famílias, com Profissionais de consoantes áreas de atuação e com outras instituições

de ensino. Fomenta vínculos de reciprocidade com o bairro, a cidade, os distintos movimentos da sociedade civil.

A Comunidade Educativa que experimenta a Educação libertadora, crítica e autocrítica faz acontecer a Sociedade que estabelece vínculos fraternos, fundamentados no respeito a todos e a cada um dos seres e à sua dignidade. Onde se exercita e vive a liberdade, o lúdico e o desejo, tidos como propulsores de realizações. Que considera o erro e a queda como oportunidades de crescimento e superação. Cultiva atitudes de sensibilidade solidária, de justiça, de esperança e de paz.

Os Agentes de Transformação Social estabelecem novas relações na Sociedade, que superam a associação imediata poder-prestígio. Atentos às causas da desigualdade social e à má distribuição dos bens no mundo, colocam-se a serviço das Pessoas e da coletividade, especialmente dos grupos historicamente marginalizados, estigmatizados e desqualificados. Nesse contexto, o poder torna-se ferramenta para ampliar a capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania.

O Colégio São Vicente de Paulo assume o compromisso utópico e a certeza da possibilidade de realizar o ainda não visto, o que ainda não teve lugar – a u-topia. Reforça o desejo de concretização de um espaço de contracultura, de um tempo propício à felicidade, espaço semente de vida nova e tempo que permanentemente se renova; ao querer ajudar a formar Agentes de Transformação Social que se plenifiquem plenificando outros, agindo nas estruturas e acolhendo cada Pessoa. Este é o seu quinhão, a sua razão de ser, o seu credo.”

Para Alexandre e Bruno

Texto dos professores, apresentação do Coral SVEM e pintura do muro homenagearam o professor Alexandre Junqueira e seu filho, o aluno Bruno Feijó, vítimas fatais de um acidente em julho

Diante dos embates da vida, do sofrimento e da dor, temos o direito e devemos chorar, mas não devemos permitir que as nossas lágrimas venham como um véu nos impedindo de ver a ação de Deus em nossas vidas. A dor pode funcionar como o “crisol” no qual nossa fé é aperfeiçoada.

O companheirismo passa pelas nossas mentes como um filme; sua presença nas reuniões pedagógicas, nas festas e encontros do CSVP, o café da manhã de sábado preparado alegremente com a equipe, as inúmeras homenagens recebidas por seus alunos, as viagens ao Caraça, o tio Alex entrando e saindo animadamente em sala, a alta rotação em tudo que fazia... muitas, muitas lembranças que, como uma chuva, invadiram nossas mentes nos últimos dias. “Show!”, provavelmente, ele diria. Ensinou-nos tanto de geografia, tanto de companheirismo, tanto da vida, mas esqueceu de nos ensinar como entrar no São Vicente sem a sua presença.

Como entrar em sala e não ter a presença tão especial do Bruno? Saibam todos que, no último dia de aula, o Bruno se despediu sorrindo timidamente, afirmando que “nas férias, ele seria todo do pai” e foi. Para sempre todo e junto com os “pais”, o da Terra e o do Céu.

Desde o momento quando fomos duramente atingidos pela crueldade do destino, que inesperadamente arrebatou as vidas preciosas do nosso companheiro Alexandre Junqueira e do querido Bruno Feijó, temos perguntado a Deus “Por quê?”. Mas... durante os últimos dias a pergunta tem lentamente se transformado em nossas mentes em “Para quê?”. Para que, Senhor, tiraste do nosso convívio os nossos queridos? O que queres de nós? Como ficamos nós? Temos, por certo, nesta ocasião, a oportunidade de rever o nosso relacionamento vertical (com Deus) e horizontal (uns com os outros). Existe um lugar para o sofrimento e para as lutas, fixando os olhos nas palavras do salmista, quando afirma “ Bem aventurado o homem cuja força está em Deus... o qual, passando pelo vale árido, faz dele um manancial”. Este então é momento de transformar o nosso vale árido num manancial e tentar ver em tudo a santa, boa e agradável vontade de Deus e por isto afirmar: “O Senhor os deu, o Senhor os tirou; bendito seja o nome do Senhor”. (Jó 1:21)

Muitos podem achar estranha ou antinatural uma atitude como esta em tais circunstâncias. Os que não entendem desconhecem a promessa feita por Jesus: “ E rogarei ao Pai, e ELE vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós porém O conheceis, porque ELE habita convosco e estará em vós”.

Então... o segredo é o Consolador em nós.

Quando as palavras de consolo são ocas e não encontram eco, só é válida a ação do Espírito Santo, o Consolador, que Jesus enviou para ficar com os SEUS discípulos e agora em nós também.

Deus nos ajude e abençoe!

profª Roseli

texto lido na missa de 7º dia
de Alexandre e Bruno

Festival de Música de Protesto

Geraldo Vandré, Chico Buarque, Joan Baez, Bob Dylan e muitos outros ícones dos anos 60 foram lembrados na tarde de sábado, 27 de setembro, durante o **Festival de Música de Protesto** (que também ficou conhecido como Sarau Anti-ditadura). Ao longo de quase 4 horas, cerca de 16 bandas relembrou canções que marcaram a história brasileira como símbolo da resistência militar que dominou o país a partir do golpe de 1964, dentre elas *Pra não dizer que não falei de flores*, *Apesar de você*, *Gracias a la vida* e *Blowing in the wind*. A iniciativa foi dos professores José D’Assumpção, de Música, e Renata Salomone, de Sociologia, que organizaram o festival junto com os alunos. Vestidos com trajes típicos da época, em bandas ou *a cappella*, alunos e professores mostraram seus talentos no ginásio, cantando em português, inglês e espanhol, e emocionando colegas, ex-alunos e familiares convidados.





Projeto Engenhocas

Quatro equipes de alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio participaram do **Projeto Engenhocas**, que tem por objetivo aplicar na prática os conceitos e fundamentos científicos estudados ao longo do ano em Física, Química e Matemática, além de estimular o trabalho em equipe e aguçar a inventividade. O projeto é patrocinado pela Petrobras, que com ele busca construir um bom relacionamento com os estudantes e professores e despertar o interesse dos alunos para as áreas do conhecimento relacionadas ao setor de energia. Com a orientação dos professores Fernanda, Heitor e Cadu, cada uma das equipes recebeu uma caixa com materiais a serem utilizados na montagem da tal Engenhoca, que deveria funcionar com base em pelo menos cinco princípios científicos, tais como lei da gravidade, teoria da relatividade, reação em cadeia, latitude, longitude, etc. A apresentação de cada equipe se deu no ginásio, no dia 7 de outubro, com direito a muita animação da torcida. A equipe vencedora da gincana ganhou um troféu e todos os participantes receberam um kit contendo um caderno, uma caneta e uma pasta do projeto. Os representantes da Petrobras trouxeram também um kit com materiais culturais – livros e DVDs, que foram doados para a biblioteca. Foi, sem dúvida, uma forma pra lá de divertida de aprender ciência!

Medalha de ouro

Aluna do São Vicente desde o 6º ano, Isabella Delfim Neves, hoje cursando o 9º ano, na turma 903, é fera na dança e no atletismo. No colégio, sempre se saiu bem nos esportes. E frequenta também a escola de dança do Teatro Municipal, onde em breve se forma como bailarina clássica. Há pouco tempo começou a se dedicar ao atletismo e logo logo se destacou. No dia 25 de outubro, participou da prova de Atletismo/1.000m rasos do 32º Intercolegial Oi Galera/O Globo, no CEFAN (Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes). E levou nada menos do que a medalha de ouro, entregue pelo professor Ricardo, de Educação Física do Colégio São Vicente! Valeu, Isabella!



Galileu Galilei

“Para nós, hoje em 2014 no CSVP, nos interessa pensar, através da figura de Galileu, que é preciso que estejamos sempre prontos a estranhar a realidade que nos cerca, sem termos medo de tornar visível o que nossos olhos, mergulhados no cotidiano, não conseguem ver. É preciso duvidar, lutar contra as verdades ditas inabaláveis, romper com a cegueira infinita que nos dispensa de olhar o mundo que nos cerca em sua tão vasta complexidade. Galileu só queria que eles olhassem pelo telescópio, que pudessem se abrir e ver de outra maneira”. Assim a professora de teatro Ana Brasil, falou sobre o trabalho desenvolvido com o grupo Zadegos, que reúne alunos do 9º ano do EF ao 3º do EM. Nos dias 25, 26 e 27 de setembro, eles se apresentaram no auditório do colégio com a peça **Galileu Galilei**, de Bertold Brecht. Um trabalho de enorme sintonia entre atores, professores, cenário, figurinos, música e iluminação.



Semana Política

Em ano de eleições para presidente, governador, senador e deputados (e de campanhas bem acirradas), o Greco – grêmio dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Ensino Médio, deu importante contribuição para um voto mais consciente da comunidade vicentina: organizou sua **Semana Política**, com a participação de candidatos, especialistas e professores. Realizada entre 15 e 19 de setembro, a Semana, que contou com expressiva presença e participação dos alunos, foi aberta com palestra de Natália Trindade, da OAB. No dia seguinte, foi a vez dos professores Gauri, Marcelus e Valéria falarem sobre partidos, eleições e direitos cidadãos numa sociedade democrática. Tarcísio Mota, do PSOL, foi o único candidato presente no debate sobre eleições para o governo estadual, no dia 17. No dia 18, os candidatos a deputado federal Chico Alencar, Alessandro Molon e Roberto Anderson apresentaram suas plataformas; e, por fim, na sexta, dia 19 de setembro, Marcelo Freixo e Carlos Minc falaram de suas propostas para um novo mandato na Assembleia Legislativa.





Semana cultural do Gregi

Entre os dias 6 e 10 de outubro, o pessoal do Gregi – o Grêmio dos alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, organizou sua **Semana Cultural**. O tema deste ano foram as Regiões Brasileiras e envolveu comidas, danças, músicas, brincadeiras e vocabulário típicos de cada uma delas. No primeiro dia, dedicado às danças, o grupo musical do Hamilton Catete coordenou os trabalhos mostrando e ensinando aos alunos danças típicas como a ciranda, a dança do pezinho, o samba, etc. O segundo dia foi todo de brincadeiras. O Gregi espalhou cartazes explicando as brincadeiras de cada região e serviu de lanche picolé de Açaí, típico da Região Norte, e brigadeiro, velho conhecido do pessoal do Sudeste. No terceiro dia, foi a vez da música, que foi trabalhada a partir da brincadeira “A palavra é...”, em que ao ouvir uma determinada palavra o grupo que primeiro se levanta tem que cantar uma música contendo essa palavra. No quarto dia, as atividades foram com palavras características de cada região do país, com os grupos tendo que explicar o significado delas. No quinto e último dia da Semana Cultural, os alunos, reunidos em grupos, participaram de um *quiz*, com dez perguntas relacionadas às regiões brasileiras. O primeiro grupo a entregar as respostas, venceu. O lanche da sexta-feira misturou elementos da culinária da Região Sul – churrasquinho – e da Região Nordeste – queijo coalho. A semana contou com grande participação dos alunos!

Ginástica Rítmica campeã

As alunas de **Ginástica Rítmica da professora Dani Cordeiro**, da escola de esportes do Colégio São Vicente, mais uma vez defenderam com brilho o nome do colégio na **Copa Luísa Parente**, realizada no dia 1º de novembro, na AAB-Rio, ficando nas seguintes colocações:

- **Manuella Fuss**, turma 404, 1º. lugar na categoria mirim intermediária;
- **Isabella Morgam**, turma 504, 1º. lugar na categoria pré-infantil intermediária;
- **Manuela Cabral**, turma 502, 1º lugar na categoria pré-infantil estreante; e
- **Aline Vivian**, turma 504, 2º lugar na categoria pré- infantil estreante.

A Copa Luísa Parente é um festival de confraternização de ginástica, onde alunos de vários centros esportivos participam com apresentações de ginástica artística, rítmica e geral. O objetivo é estimular e motivar os alunos para seguirem praticando em benefício de sua saúde e de sua formação. Parabéns, meninas!



FORMANDOS 2014

ANA MÉROPE CAMPANELLA DE SIERVI CHAVES
ARTHUR CHAVES INNECCO GARCIA
ASSUCENA DE SOUSA BARBOSA
AYMARA MONTEZUMA DE MELLO
BEATRIZ DE PAULA FONSECA RIBEIRO RAMOS
BEATRIZ DOS SANTOS MELO
BERNARDO LUIZ BACH
CAROLINA DE SOUZA FREITAS
CLARA DE MELO ARAUJO
CLARA LOPES PEREIRA
FERNANDA RODRIGUES MONTEIRO
FRANCISCO BELTRÃO DE FARIAS
GABRIEL PRATA FERREIRA
GABRIELA AGRA BUENO DE MORAES
GABRIELA DE CASTRO CLAUDIO
HENRIQUE S. DA SILVA PIMENTA DE MORAES
ISABELA FERREIRA CIAVATTA
JOÃO LUIZ DE CARVALHO NASCIMENTO MELCA
JOÃO TEBRYÇA TEIXEIRA
JOÃO VICTOR PALMA COSTA GUATIELLO
JÚLIA AGRELOS DOS SANTOS
JULIA DRUMMOND DAIHA
KARINA DE CARVALHO POUGY
LUCA VANNUCCI FRANÇA DOS ANJOS
LUIZA BOEMER DEBERDT
MARIA CLARA NUNES LEITE CARDOZO DE PINA
MARIA LEMOS DOS SANTOS ALVES GONZAGA
MARIANA FERREIRA CASAGRANDE
MARIELA MENDONÇA DE ANDRADE
MATHEUS GUSTAVO LOMBA FERNANDES
NARA DE PAULA GOULART RENHA
NATÁLIA DE CARVALHO MELLO BAHURY
NATÁLIA ROMERO FREITAS
NATASHA AMARAL ROJTENBERG
PABLO MURICY KRIVOICHEIN MARQUES
PEDRO BATISTA TAN
RAIZA SILVA RAMOS

BÁRBARA DANTAS FARIA DE B. E C. GONZAGA
BERNARDO DE CENZO TORRES
BERNARDO MELLO QUEIROZ
CAMILA BARBOSA RUTTIMANN
CAROLINA VENANCIO MAGALHÃES
CLARA GONDIM BORSOI
CLARISSE ANDRADE T. DE ALMEIDA MAGALHÃES
FELIPE BEVILAQUA FÓLDES GUIMARÃES
FELIPE REZENDE FEIJÓ DE ALMEIDA
FERNANDA DE MENEZES C. HERDEIRO
FERNANDA KUSTER REIS
FERNANDA THOMAZ RODRIGUES
GABRIEL ALMEIDA OLINTO
GIOVANNA HAIKAL TAVARES
GIULIA ALLEVATO MELO
HENRIQUE GONÇALVES ZILLIG
JOÃO BARCELLOS REZENDE PEDRO DA COSTA
JOÃO CASACCIA AMARANTE
JÚLIA GOULART GOMES
JULIO CESAR CHIARELLI C. DE FREITAS
LETICIA PONTES D ARAUJO IGLESIAS
MARIA LUIZA SANTOS LEAL
MARINA MIGLIOLI TAVARES
MATEUS GUALBERTO DA SILVA AMORIM
MYLENA MOTA COELHO DA SILVA
NAIMA BIBAS SILVA VIEIRA
PETRUS VINICIUS BALLHAUSEN ARRUDA
SAMUEL ROLLEMBERG AARÃO REIS
TATIANNA LIMA DA SILVA
THIAGO MARQUES ACCIOLI DE VASCONCELLOS
TIAGO CYTRYN COLLETT-SOLBERG
VALENTINA ANDRADE MELLO

ALINE LARA ROMEU
ANA LUIZA DE OLIVEIRA MENEZES GONÇALVES
ANDRÉ DE ABREU COLETTI
ANTÔNIO LEAL FERREIRA DE SOUZA COOPER
ANTONIO PEDRO RONDON DE PAIVA LEITE
BEATRIZ DIAMICO PRAÇA
BERNARDO BELEM MEDEIROS DE ANDRADE
BERNARDO RAMOS CARNEIRO LEÃO
BRUNA TRINDADE DE ALMEIDA
CAROLINA MORTARA AGHEMIO
CESAR AUGUSTO M. MORETZOHN JUNQUEIRA
FABIO MACEDO CORRÊA DA SILVA
FELIPE TINOCO SIMÕES
FERNANDO ISRAEL CARNEIRO
GABRIELA DE VICO SERZEDELLO CORRÊA
GABRIELA MOURA TEITEL
GIL PEDRO V. CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
JOANA LEAL DE MEIRELLES JACOBINA
JOÃO PEDRO FIZ ROMANO
JOÃO PEDRO MARINHO DE CARVALHO
LUCA RIBEIRO MENDES NICOLA
MARIA CAROLINA C. DE MENEZES RIBEIRO
MARIA CLARA DE SOUZA OLIVEIRA
MARIA IYDA VIEIRA PAGANELLI
MIGUEL XAVIER DE BRITO MARTINS
NICOLAU LOCATELLI MACEDO
NIKITA LOPES LLERENA
PALOMA M. MARTINS PENNA DE AZEVEDO
PAULA MARIA ESTRELLA HORTON
RENATA CARVALHO BERNARDO
RODRIGO CASTILHO BARROS
RODRIGO PEIXOTO DE SOUZA ALMEIDA
TAYNÁ GENOVA CHALHOUB BARBIERI
VINICIUS BOBEK DE ANDRADE LIMA
VITORIA STUART VASCONCELOS



